



## Talhos da cidade feita poesia, política, notícia<sup>1</sup>

### City slashes made poetry, politics, news

**Maria Helena Weber**

Professora Titular da UFRGS. Pesquisadora Produtividade CNPq, coordena o Núcleo de Comunicação Pública e Política e o Observatório de Comunicação Pública.

*A decoração das ruas tem, também materialmente,  
estreito parentesco com a do teatro. O papel é o  
protagonista. Enxota-moscas vermelhos, azuis e  
amarelos, altares de papel acetinado nos muros,  
rosetas de papel nos pedaços crus de carne.*  
Walter Benjamin

### Resumo

Este texto foi construído como um caminhar por alguma cidade tão real quanto imaginária possa ser. Como um ensaio, a cidade foi escrita para expor a multiplicidade física, política e poética que caracteriza a geografia das cidades, para além das científicas que a explicam.

### Abstract

This text was built as a walk through a city as real as imaginary. As an essay, the city was written to expose a physical, political and poetic multiplicity that characterizes a geography of cities, beyond the sciences that explain it.

**Submetido em: 19/08/2017**

**Aceito em: 19/10/2017**

---

<sup>1</sup> Em uma primeira versão, este texto abriu a palestra que realizei no II DCIMA (II Colóquio Internacional Mídia e Discurso na Amazônia) — cujo tema foi “Cidade, Memória e Mediação” —, em Belém, 2015.

Atravessar a cidade de mãos dadas, sem mãos, pisando o mapa, pés descalços, de botas, olhando as placas e perdendo o rumo, sem saber seus múltiplos nomes. Cidade de dentro e de fora, escondida em cada transeunte, habitante, cidadão. Atravessar a cidade, driblando carros e todos aqueles perdidos seres que tentam descobrir onde ela pode começar e terminar. No rio, na Vila dos Papeleiros, em Paris ou na Igreja Matriz? Para achar os começos e os fins de cada cidade, deveriam seguir as vozes que contam lendas sobre as primeiras pedras, sonhos e sangue. Os guardas nada dizem sobre as cidades que tantos corpos e máquinas suportam e que, comedido se movem carregando monstruosos edifícios e exíguos parques, qual uma plataforma fascinante e vulnerável a qualquer ventania.

De um lado a outro, procurar nas cidades, a memória delas para encontrar a de cada um, as muitas memórias daqueles que sob ela foram enterrados e daqueles que nascerão depois dela. Sobre ela, a memória fragmentada com os pedaços que vemos ao andar sobre suas pontes, empoeirados do sol e das fumaças que ela abriga. Andar sobre a história, para além do esquecimento da política efêmera como o tempo, como as caminhadas deixadas para trás.

Como atravessar a cidade disputada nas palavras que contam e noticiam seus acontecimentos pela boca dos políticos que a destroem e a reconstróem; nos dedos dos artistas que a espiam, roubam e a recitam; com os arquitetos que ampliam cores, formas, materiais e traçados como se a eles a cidade pertencesse e nos fragmentos defendem qualquer equilíbrio. A cidade aparece pequena nas fotos dos satélites e grande se vigiada de algum décimo andar. Amedronta e fascina, a cidade que corre embaixo da terra, em máquinas sobre trilhos, que descansa em cinemas, teatros e cadeiras na calçada, desenhada por homens e mulheres de todos os sexos, cores e idades.

Atravessar a cidade gritada pelos seus habitantes que dela precisam como a sede da água, que lhes dá trabalho e o abrigo de barro, tijolos ou madeira, desde que caiba algum pedaço dela. Pontualmente, a cidade das notícias, dos melodramas vai sendo mostrada e devolvida a eles que por ela caminham e não a tem, depois de ceiar, dormir, matar, estudar em seus esconderijos.

Como ocupar os lugares cercados da cidade que fazem a síntese de cada um de nós e de todos juntos, guardados enquanto vivos e depois, quando mortos, incinerados, ou sob sua poeira, em campo santo. Lugar de ir e vir, as cidades, de esconder, de gritar, de protestar, namorar, crucificar e trabalhar. Lugar síntese que agrupa e deixa todos parecidos andando de um lado para outro, indo e vindo, ocupando escolas, bordéis, restaurantes, praças, berçários e

cemitérios. Assim próximos, juntos, podem mais facilmente ser atacados em Londres, Damasco, Barcelona; soterrados pelo barro da Samarco, no Brasil, ou surpreendidos por furacões revoltados.

Endereços, cantos, relações, proteção, sono podem estar nas cidades recontadas muitas vezes por viajantes que a circundam e a dizem tão diferente daqueles que a pensam sua. Esquecida por fugitivos e adotada por exilados, são muitas as cidades de cada um, traiçoeiras, escolhidas, protegidas, queimadas. Substantivo feminino define a cidade que, de algum planeta é vista como útero onde todos cabem, onde todas as ambições se amontoam e todos os desejos se fazem ver.

Às vezes, com mais cautela, atravessar a cidade como espaço primeiro das utopias, da política, do poder da sociedade é exercitar o poder de ser, é lembrar que muitas mãos a constroem. Exercitar a cidade é pensá-la em passos, protestos das ruas, reivindicações com bandeiras, indo e vindo, em nome dos direitos de cada ser humano, de cada animal. É comemorar vitórias e chorar em casamentos, féretros ou celebrar a vida naqueles recém nascidos, recém habitantes incautos.

Também atravessam a cidade, sobrevoando-a, aqueles poderosos e políticos que dela precisam para seus comícios e diletantes projetos. A política que engrandece o espaço citadino e cidadania, que preserva sua história é a mesma que reduz a cidade à moda, à dramaturgia corrupta dos esgotos e rituais. Governantes a esquecem quando não saciam seus desejos de poder, quando não podem colocar seu nome na placa de entrada. Com eles há uma cidade sempre à venda, em leilões onde concorrem pássaros, janelas, árvores e as portas enumeradas. Casas e apartamentos disputados pelos bancos e vizinhos recém-chegados, por todos aqueles que podem escolher. Do lado de fora, aqueles que moram nas margens das ruas, dos riachos, do esgoto, da ponte, como habitantes da calçada, das beiras. O desejo de poder, de deixar marcas faz com que a cidade tome as feições de estranhos monumentos, moldada em edifícios dispensáveis e sinalizações digitais. Traficantes e mercadores de novos escravos também a guardam em seus palácios móveis e com os desmandos dos eleitos, lucram mais, para melhor viciar.

De quem é a cidade, perguntam cem ratos e quatro crianças?

Dos seus administradores, dos seus habitantes, projetistas, poetas, visionários, drogados, miseráveis, milionários e de todos aqueles que seu nome souberem pronunciar. Daqueles com medo que atravessam a cidade desde o amanhecer para morrer ao anoitecer.

Com medo, as pessoas vestem lindas fantasias para dançar, rir e namorar, atrás de guarnecidas paredes e som escaldante. Com medo, os carros vasculham bons e maus endereços da cidade, abrem ruas e becos e pisoteiam as gramas.

A cidade se faz em discursos instituídos na disputa entre instituições e atores políticos que justificam sua história em soluções e projetos pendurados em promessas sobre a vida. Diferentes cidades para diferentes ideologias são reconstruídas ininterruptamente, com o intuito de atrair os habitantes que gritam, obedecem e se revoltam contra a quebra das promessas e exigem outras. A política pode agredir, macular as cidades assim como pode acarinhá-la, mas o jogo está na geografia e vence o próximo. Como *locus* privilegiado, a cidade abriga comícios e facções inimigas; abriga a luta das mulheres, a luta dos negros, o preconceito e a violência. Há uma arquitetura da cidadania e outra da exclusão social.

A cidade da ciência é feita como um fascinante problema nos bairros que abrigam classes, na arquitetura que delata moradores entre as favelas e os feudos de luxo. A cidade nossa de cada dia é o espaço privilegiado de encontros e desencontros, de fugas e chegadas. Marcada pelo modo de chegar dos moradores, suas rotas e hábitos que os misturam às ruas e calçadas como se civilizados fossem os fuzis. A cidade conforma a natureza humana nos seus casebres e apartamentos, com a música das buzinas, o aroma de automóveis, das fumaças e a cor dos semáforos.

A cidade aponta *osflâneurs* e o dolorido fantasma de Walter Benjamin que se esgueira entre poéticos e solitários moradores das ruas geladas e às vezes, incandescentes. Alguns percorrem a linha do mar que limita a cidade, outros descem montanhas que cercam a cidade. Diferentes no modo de ser e nadar são chamados a testemunhar o cotidiano em portões, na comida, no vestuário, nas vitrines enquanto cantam qualquer hino para adormecer usurpadores. Na geografia das cidades, os sonhos organizados na porta à direita das decepções que disputam espaço com utopias e bandeiras de luta.

Os cotidianos sustentam dores e amores, belas crianças e animais, o luto e a esperança. Atrás de cada persiana ou cortina enluarada, as rotinas são construídas entre as camas, os metrô, fábricas e templos, marcados pelas horas e o tempo que se esgueira entre o próximo desejo e a loucura do vizinho. Esquinas e rotinas forjadas no tempo, nas imagens e no som próprio das aglomerações urbanas. As ditas cidades atordoam e escondem qualquer um em pregas asfaltadas e neon. Os solitários ou as multidões desenham os dias e as noites citadinas como se paz houvesse. Bailarinas e travestis guardam o sol e dançam nas lâmpadas até o dia chegar, o tule rasgar e o batom sair.

Como espaço de comunicação, metrópoles e vilas são disputadas pelos seus habitantes, governantes, jornais, propaganda, fotografia que tentam domá-la, enquadrá-la. Mas a cidade já tem seu próprio destino, sua própria história, na invisibilidade *calvina* ou nos exageros arquitetônicos. A cidade desenhada como experiência estética, comunicacional, obedece à paisagem e à política, de acordo com a sua personalidade, delicadezas e invejas. Agressivas, fizeram as guerras e se fizeram Moscou, Brasília, Paris, Berlim, Rio de Janeiro, Viena, Londres, Ouro Preto, Porto Alegre, São Paulo, Lisboa, Canoas e outras milhares que começam amanhã.

Atravessar cidades bipolares, generosas, agressivas ou voluntariosas que vão se alargando para que todos caibam e, assim, não permitem que alguém chegue ao seu início. São tantos os indesejados que a cidade acolhe nas suas margens, nos lixões, sob as pontes, largados à própria sorte. Algumas, endurecidas em construções e muralhas tolhem e ampliam o movimento dos corpos e automóveis e os abrigam a ler suas leis sobre como ir e vir, onde parar, como andar. Diferentes são as possibilidades de encarar e vivenciar a cidade, de escrevê-la ou nela se inscrever, pois é ela que compõe e determina sua própria escritura.

Ininterruptamente, a cidade arranca os pés da terra, resgata animais das selvas, apaga as origens e inventa outras. Confunde desejos ao se mostrar etérea, em símbolos, poética e comunicante em seus vasos que nutrem seu barulho e suas ruas e mais parecem as veias de um corpo em carne e osso.

Matéria da poesia mais sublime ou rasteira, a cidade é desenhada, cantada e se faz verso e música. A cidade paisagem, cenário de tudo e todos é a cidade celebrada porque nascedouro dos bons e maus, daqueles que cantam, rezam e fazem arte. A cidade desenhada com as cores das suas festas ou com o tom lúgubre de suas guerras e destruições é sempre temporária, porquanto ressuscita. Nas esquinas apresenta uns aos outros que por ela caminharam, planta jardins, edificações, hábitos e cores, Nas curvas íngremes distribui adultos e crianças que ocupam e inventam lugares, pintam paredes, cantam e dançam.

Sempre há uma cidade dentro da outra que se oferece exclusiva, múltipla e ininterrupta à arte. Aparece como cenário de cinema e teatro, na música e literatura, nas vitrines de Chico Buarque, na avenida São João de Caetano Veloso, no Rio de Janeiro de Tom Jobim, nos versos de Drummond e João Cabral. Aparecem invisíveis e femininas na escrita de Calvino, sitiadas e esperando a Hora da Estrela, com Clarice Lispector. As músicas, poemas, quadros estão impregnados da beleza e do terror das cidades; da generosidade e crueldade das pessoas que esperam a lua cheia, todos os meses.

A cidade se comunica com suas artérias, suas marcas, seus símbolos em pedra e plantas e nela cabem todos os dialetos e culturas refugiadas depois promovidas pela publicidade. A cidade cintila em seus neons noticiada como cenário de violências e bondades e transformada em matéria prima para qualquer informação, para qualquer discurso. Interpretada e remodelada vai sendo devolvida aos seus habitantes, depois de invadida por partidos e representantes que espalham promessas de protegê-la e devolvê-la melhor. Mas os poetas espreitam.

A cidade é continuamente repartida entre as editorias interessadas no esgoto a céu aberto, congestionamentos e a violência; entre a política que tem dúvidas se investe no melhor ângulo para a próxima eleição ou na solução para a água potável da vila. Enquanto isso, cresce de qualquer jeito. A cidade de cada um não é a cidade de todos. Nos símbolos que a formam, ela tem sua própria lógica e tão logo uma imagem sobre ela é formatada e apresentada, ela se liquefaz até que possa recuperar seus espaços e construções reunidas por um novo grito de alerta, da política, das ruas, da poesia.

Atravessar a cidade para não achá-la porque a cidade é sempre a mesma, mas é outra, também. Depois das esquinas, procura-se o nome e a localização em qualquer mapa, mas é sempre outra, mesmo descrita por alguém que a habita. Para todos, uma cidade que se oferece como seria possível tê-la em quadros ou depois dos muros, como a cidade desejada. Nela caberia o país das manifestações, da justiça e da igualdade das pessoas e suas moradias. A cidade caberia na casa do morro, na escola, no terreiro e nos templos.

Atravessar a cidade, silenciosamente para sentir. Cada um com a sua cidade. Cada um com suas esquinas. Cada um com seus esconderijos. Cada um levando um nome para ela.

### Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II – Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.

CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

---. *Trilhos da cidade: viajar no metrô do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2013.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica* – ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993

---. *Fetichismos Visuais* - corpos erópticos e metrópole comunicacional. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008..

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano* - Artes de fazer. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

---. *A Invenção do Cotidiano* – Morar, cozinhar. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997

FERRARA, Lucrecia D. *Os Significados Urbanos*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2000.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: EDUSP, 2007.

WEBER, Maria H. A Cidade traída: recortes da mídia, do governo e da academia. In: MÉDOLA, A. S. L. D.; ARAUJO, D. C.; BRUNO, F. (orgs). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007. (Livro da XV COMPÓS).